6



ANIMATÓGRAFO

DIRECTOR - ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

Nº 12 • 1$50



OTTO WERNICKE, NO COMISSARIO LOHMAN

Fritz Lang — cujos filmes primam sempre pela sua impecável interpretação — em face da criação assombrosa de Otto Wernicke no comissário Lohman, em «Matou!» escolheu-o de novo para no «Testamento do Dr. Mabuse» incarnar essa figura, uma autêntica personificação do polícia, inteligente e hábil como valente e prudente. Otto Wernicke, que tem em Fritz Lang um grande amigo, não desmereceu a confiança que êste depositou na sua pessoa, pois que logrou do seu comissário Lohman, uma actuação espantosa de verdade e de equilíbrio.

Na capa: NORMA SHEARER

Siegfried Arno

O melhor cómico europeu já está em Portugal, onde vem interpretar o Jackson de «Gado Bravo»



Siegfried Arno e sua mulher Barbara Kirsanoff Arno posando para o album fotográfico do Bloco H. da Costa

Já é sabido que as tristezas não pagam dividas. Quando não temos dinheiro para normalizar o dia a dia caseiro, temos pelo menos a esmagadora facilidade de sorrir com alegria.Esse mesmo sorriso de cepticismo bem humorado pode aplicar-se a toda a espécie de coisas com aspecto desastroso. Não há tragédia que resista a uma bôa piada. A própria morte, com o seu ar pesado e encantadoramenre irremediável, não tem fôrça bastante p ra funcionar de obstáculo ao riso.

Há pessoas que se irritam com a intercepção do riso nas catástrofes. Ficam incomodadíssimas e dizem que o caso não é para rir. Pobre gente. Deviam ser eliminadas da vida todas as pessoas qua não sabem rir.

Sigfried Arno, que chegou ha dias a Lisboa onde vem desempenhar um importante papel no primeiro filme do Bloco H. da Costa, é um simpático mensageiro do riso a quem a humanidade muito deve.

Sigfried emana de sua pessoa agradável um visível eflúvio de boa disposição. Não lhe surpreendi ainda, na meia dúzia de vezes que estive na sua companhia, um simples olhar menos alegre. Vestindo com uma certa *recherche* exótica, Sigfried consegue dar-nos, contra o que seria de esperar, a personificação exacta do ***gentleman***. Quando chegou trazia um casaco absolutamente verde e uma gravata mais verde do que o casaco. Mas estava tudo muito certo. Eu não quero dizer mal das nossas coisas; mas em todo o caso não estou a vêr daqui muitos rapazes portug eses bem vestidos com um casaco verde.

Quando entramos a bordo, Siegfried, que continua na vida normal as fantasias que principia no ***set***, desatou a fugir de nós numa correria louca pelas escadas e corredores do paquete, obrigando-nos a organizar um cêrco para conseguirmos apanha-lo.

Quando finalmente se rendeu, Siegfried tentou convencer-nos de que estava tristíssimo. Puxou duma chave que trazia na algibeira e afirmou-nos que se tinha esquecido de fechar a porta da sua casa de Paris. Não podia ficar em Lisboa por causa da porta. Tinha que voltar a Paris para corrigir a miséria da sua memória.

Parecia desolado, mas a desolação de Siegfried é um sentimento impotente. O humorismo é por vezes, como já tem sido dito e redito, um processo de fazer tragédia. O humorismo de Siegfried tem todas as côres menos essa. A sua alegria comunicativa está á flôr da pele.

* * *

Os membros do Bloco e os redactores de «Animatógrafo» foram os primeiros a entrar a bordo graças á gentileza das auctoridades que puzeram u n gazolina á sua disposição.

No «Massilia» o Antonio Ribeiro chamou-nos a atenção para o indeciso uniforme dos marinheiros. Uns casacos como os de toda a gente, umas calças correntes, umas gravatas, enfim, o ar normal de quem anda na rua a tratar da vida. Não achamos bem. Um marinheiro deve ser um marinheiro. Que massada. E era para sofrermos contrariedades daquelas que iamos a bordo do «Massilia».

Siegfried contou-nos várias peripécias da sua viagem que eu não tenho bem a certeza se são verdadeiras mas que vendo pelo mesmo preço.

Quando passou por Vigo, foi tomado pelas autoridades locais por um escroc internacional muitíssimo cadastrado. Apanhou um susto como fácilmente calculamos e ficou um bocado desconfiado com toda a gente. Preguntei-lhe se êle se parecia efectivamente com o escroc. Disse-me que não, mas que tinha sido exactamente por causa disso que o tinham confundido. Um bom policia não segue geralmente uma pista fácil. É pouco interessante. Nada mais simples



António Lopes Ribeiro assiste de longe ao trabalho de Nunes das Neves, que procede á filmagem do documentário da chegada de Siegfried



Madame H. da Costa e Siegfried Arno fixam mais uma vez a objectiva de Heinrich Gärtner



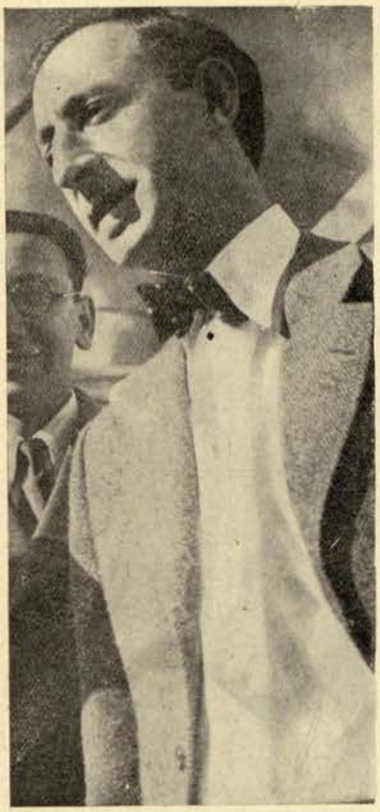
Luis de Oliveira, Arthur Duarte, Olavo, Mme. H. da Costa e Siegfried Arno, preocupado porque se esqueceu de fechar a porta da sua casa de Paris

Fotos Gärtner

para qualquer pessoa, mesmo um bandido, do que parecer-se com ela própria. Um bandido célebre tem obrigação de andar disfarçado.

Siegfried travou conhecimento a bordo com um inglês que lhe deu algumas curiosas informações sôbre os costumes dos portugueses e até mesmo sôbre a sua conformação física. Segundo a subtil versão do viajante inglês, os portugueses têm um grande pastel de bacalhau no lugar onde habitualmente existe o coração. Além disto circula-lhes vinho tinto nas veias e só conversam uns com os outros em ritmo de fado. Como têm um pastel de bacalhau a substituir o coração, deve tratar-se do fado do bacalhau. Enfim, uma miséria pegada. Tivemos um trabalhão para tirar estas ideias perniciosas da cabeça teimosa de Siegfried que se deixa levar muito pelas primeiras impressões.

Siegfried enjoou muito e várias vezes devolveu ao mar o peixe que comeu pelo caminho. Quem assistiu no Central á passagem do documentário da chegada de Siegfried, viu a demonstração feita pelo nosso homem das lamentáveis caretas que a incómoda doença lhe provocou durante a viagem.



Siegfried Arno agüentando como toda a gente célebre a inevitável apresentação aos jornalistas

* *

Siegfried Arno é talvez o melhor cómico alemão. As suas interpretações magistrais ao lado de Anny Ondra fizeram de Siegfried, que já era um famoso actor teatral, uma das melhores figuras do cinema europeu.

Siegfried Arno é muito requestado nos meios cinematográficos e costuma fazer-se pagar caro. O Bloco H. da Costa possui em Siegfried uma das suas mais marcantes personalidades.

Siegfried falou-nos muito de H. da Costa, o seu actual director, que é também um dos seus melhores amigos de Paris. Encontraram-se várias vezes na U. F. A., em Neubabelsberg, o de freqüentemente almoçaram juntos nos intervalos da filmagem duma das suas criações com Anny Ondra.

Ficou com bôa impressão de Anny? preguntei-lhe.

«A melhor. Anny é uma grande camarada e uma grande artista que está absolutamente integrada no meu género de espírito. Nos filmes que interpretei com ela: «Anny no Music-Hall», «Anny Faz Tudo», «Viva o Amor», etc... vivi os mais saborosos momentos da minha vida.»

Interessa-lhe o papel que vai interpretar para o Bloco H. da Costa?

«O mais possível. A ideia de trabalhar com tantos e tão bons amigos num filme que se desenrola num ambiente de touros e de campinas portuguesas, encanta-me absolutamente.»

E não tem receio dos touros?

«Não; nenhum. Estou habituado. Na Alemanha, como em toda a parte, encontram-se touros constantemente.»



Siegfried tenta recordar-se se de facto fechou ou não fechou a porta da sua casa de Paris. Temos razões para supor que esta obcessão presseguirá o nosso amigo durante a sua permanência em Portugal

* *

Dias depois encontrei Siegfried Arno com sua mulher Barbara Kirsanoff-Arno, Max Nosseck, Arthur Duarte e outros componentes do Bloco, passeando pacatamente no Chiado. Agreguei-me ao grupo. Entramos no Roiz para ver se estavam prontas umas fotos do Duarte. Não estavam. Saímos discutindo vagamente e dificilmente sôbre máquinas fotográficas. Siegfried trazia uma deslumbrante gravata branca ornamentada com ZZZ e NNN estampados a preto. Preguntei-lhe se se tratava de Ziegfried ou Nienfried. Olhou para a gravata e ficou a pensar naquilo admirado.

Preguntei-lhes se íam à tourada no próximo domingo. Eu não sabia bem ao certo, porque nunca estou ao facto, se haveria touros de morte. Mas disse que sim. Havia touros de morte. Ficaram logo com os olhos arregalados à ideia do espectáculo histérico e ainda inédito para eles das tripas vivas dos cavalos a arrastar miserávelmente na areia da praça.

Falou-nos de Portugal, da vida portuguesa, do preço dos hoteis. Siegfried achava tudo baratíssimo. Vinha habituado aos preços nervosos de Paris e tudo lhe parecia aqui duma serenidade absolutamente simpática. Pois é, confirmei eu. Portugal é o unico paiz onde se pode viver de borla.

OLAVO



Esta foto foi tirada a bordo dum aviãozinho pequenino que passou a metro e meio de altura. Barbara Kirsanof Arno, Siegfried Arno e Herbert Lippschitz estão a apreciar as acrobacias do aviãozinho. (fotos Olavo)

PLANO GERAL

Filmes Internacionais

No último número da «Imagem», num artigo a que o meu nome servia de epígrafe, — espécie de carta aberta que nada me custou receber, por ser gentil para comigo e de segundas intenções tão transparentes que seria injusto considerá-la suspeita, — Chianca de Garcia dizia-se partidário dum cinema 100 por cento nacional, e reconhecia-me inclinado a realizar filmes a que chama, com muita propriedade, internacionais, fórmula que o autor condena com decisão — e sem dizer porquê.

Por ser verdade, aqui vou passar certificado, para que conste e sirva os devidos efeitos.

*

A arte não tem pátria. Os artistas têm-na, é certo. E o fogo patriótico que lhes transmitem, desde os bancos da escola, os livros de instrução primária, leva-os a dar às suas obras um cunho que assinala a terra em que nasceram, forçando a classificação geográfica, sempre artificial, mas sempre cómoda.

Assim como a pintura pode dividir-se em escolas nacionais (flamenga, italiana, francesa, espanhola, portuguesa, etc.), o cinema tolera a mesma classificação: escola americana, alemã, francesa, russa, italiana, etc. Mas tal classificação refere-se exclusivamente aos motivos, *à* maneira *de os apresentar — e nunca ao* alcance *da obra realizada.*

Um filme de King Vidor, de Fritz Lang, de René Clair, de Eisenstein, de Carmine Gallone, tem tão patentes as características da pátria do autor como um quadro de Jean Steen, de Rafael, de Greuze, de Zuloaga ou de Nuno Gonçalves. Mas qualquer dêles se destina aos olhos de tôda a gente, sem distinção de raças nem de pátrias.

Podem contudo fazer-se filmes que só tenham um sentido estrictamente nacional, diremos mesmo local. Podem sêr excelentes, como factura e concepção. Mas não estão dentro das leis universais que regem o cinema, arte espectacular; não cumprem o seu dever cinematográfico. Têm o interêsse restricto das récitas de quintanistas.

O Cinema não se conforma com fronteiras. Um filme precisa ser, por definição, internacional. As vantagens artísticas e comerciais dessa política *são óbvias e aceites, não pela rotina, mas pela experiência.*

Digo aqui filme internacional na acepção de filme susceptível de se exibir com agrado perante o público de nações diferentes, e portanto de diversa sensibilidade e educação. Só assim — e isso serviu de tema para um artigo anterior (¹) — se pode compreender e executar a propaganda nacional pelo cinema.

Para o prestígio da pátria, para servir de isco turístico, de instrumento cultural ou de elemento de formação artística, não serve qualquer comédia animada com trocadilhos e larachas. E' preferível um documentário de toiros, onde haja ar livre, luz vigorosa, beleza e equilíbrio.

Se me referisse a filmes internacionais no sentido de colaboração de artistas e técnicos estrangeiros com a rapaziada cinéfila cá do sítio, também não era mal. Sempre me parece mais indicado ir buscar mestres habilitados a Neubabelsberg que andar à procura de cineastas inatos no Parque Mayer. Por mim, prefiro a confusão poliglota da Torre de Babel, que sempre procurava realizar um sonho grandioso, à intriga pequenina dos cercles *de leitaria ou de farmácia.*

Mas isso não vem para o caso, que é mais sério.

Não é difícil demonstrar que podem fazer-se filmes internacionais sem sacrifício do património luziada. O próprio Leitão de Barros o mostrou, com largueza e inteligência — irmã da pouca sorte. «Maria do Mar» tão português, é um filme internacional típico. A própria «Severa» só não o foi por excesso de Academia das Ciências — e insuficiências técnicas.

Por mim, — espero fazer filmes internacionais. E é claro que isso não me impede de achar um piadão às caras do Vasco Sant'Ana, às piadas do Zé Galhardo e aos gags *do Cottinelli:*

António Lopes Ribeiro

(¹) Nacionalismo, «Animatógrafo» n.º 10

Panorâmica

Eduardo Romero

No dia 8 do corrente faleceu em Le Loup-sur-Mer, Nice, uma das individualidades mais interessantes do cinema francês de há alguns anos. Eduardo Romero e Gusmet, português de origem, embora nascido em Sevilha, foi uma figura muito apreciável do cinema silencioso tendo sido muito frequentemente aproveitado em papeis de uma relativa importância e tendo feito parte do elenco de *Koenigsmark* — um dos filmes franceses de maior fama — havendo nêle, e sob a direcção de Leonce Perret, realisado uma caracterisação cheia de finura e de elegância.

Interpretou também vários papeis em «Le Stigmate» no «Principe Fasil» produções da Gaumont, e em vários filmes da U.F.A.

Uma anedota significativa do grande amor que Eduardo Romero consagrava ao cinema e contada pela sua própria família, traduz perfeitamente a fé que êle tinha nos destinos do cinema e a confiança que sabia inspirar a todos aquêles que o escutavam:

Tendo o seu filho Eduardo encarregado um amigo comum de o desviar da vida do cinema, Eduardo Romero, em contacto com o emissário, convenceu êste de que o cinema era arte que os merecia a todos e persuadiu-o a entrar num filme, o que êste fez, representando um pequeno papel de oficial de engenharia.

Eduardo Romero foi uma das criaturas mais interessantes da sua geração justamente apreciado pelo seu fino trato, e elegante domocracia, inteligência e bondade.

Alfama

Com uma assistência numerosíssima estreou-se sexta-feira no Teatro de S. Carlos a peça do nosso querido camarada António Botto cujo inegável talento era de ante-mão uma garantia de triunfo.

O poeta admirável das «Canções» demonstrou duma maneira insofismável os seus recursos de dramaturgo, tendo a sua estreia as proporções de uma verdadeira consagração.

Muitos se contentariam em acabar onde António Botto começa. Mas sente-se que o autor de «Alfama» é ainda capaz de nos dar obras melhores, embora esta já seja consoladora das exigências do nosso espírito crítico nada afeito a teatro português verdadeiramente teatro e verdadeiramente português.

O Bloco

E' notável a rapidez com que foi organisado o Bloco H. da Costa e os trabalhos preparatórios do primeiro filme. *Gado Bravo*, de que ainda há bem poucas semanas anunciamos a próxima realisação, vai ser principiado dentro de breves dias.

Não nos devemos admirar muita da fluente normalidade com que tem sido posta em prática a ideia de H. da Costa. E' a lógica resultante dos pensamentos bem construidos, bem medidos e completamente alheios à frágil teoria dos castelos no ar. H. da Costa arquitectou habilmente o seu plano, previu tudo, pôs as cartas na mesa e venceu a partida.

Outra prova iniludivel do «savoir-faire» de H. da Costa é a admirável e rapidíssima afinação que tiveram todos os serviços inerentes à actividade do Bloco.

Raul de Carvalho

Raul de Carvalho, o galã português que toda a gente conhece e admira incondicionalmente, vai, de facto, como se esperava, interpretar o primeiro papel masculino do filme *Gado Bravo*, ao lado de Nita Brandão, Olly Gebauer, Siegfried Arno.

Já foi assinado o respectivo contracto e agora só nos resta cumprimentar o nosso amigo, simpático e talentoso artista, pela distinção bem merecida que lhe conferiram, dando-lhe uma excepcional ocasião de pôr à prova o seu talento, trabalhando com artistas de nomeada mundial.

Leitão de Barros

De regresso de Paris, onde esteve durante algumas semanas, a traquinar no estúdio da Tobis, com vistas à preparação do seu próximo filme, tivemos o prazer de abraçar Leitão de Barros, grande artista e amigo verdadeiro.

Sempre gentil, Leitão de Barros publicou no *Notícias Ilustrado* um artigo assinado pelo seu próprio punho, em que manifestava publicamente a sua simpatia e o seu apoio ao Bloco H. da Costa, que tem nesta casa a mesma consideração que nos merece o nosso director.

Porisso lhe agradecemos efusivamente.

Primeira manivelada

A Tóbis Portuguesa convidou a Imprensa para assistir à estreia oficial, desta vez cinéfilamente oficial, dos seus aparelhos de tomadas de vistas e de sons em plena actuação no seu primeiro filme sonoro.

Não queremos deixar de cumprimentar a Tobis Portuguesa pelo facto notável de ter principiado já o seu filme, agradecendo-lhe também a gentileza que teve em convidar-nos.

Actualidades Mundiais

INFORMAÇÕES E NOTÍCIAS CINEMATOGRÁFICAS DE TODA A PARTE

Jean e Douglas vão reconciliar-se?

O caso conjugal de Douglas Fairbanks Jor. e Joan Crawford continua sendo o assunto predilecto dos *potins* de Hollywood. O que, no entanto, parece ter desaparecido é a sombra do divórcio que até há pouco se julgava inevitável depois da ruídosa separação de ambos, após quatro anos de um matrimóino aparentemente feliz. E, até mesmo, segundo o que refere a imprensa americana, não se deve duvidar duma próxima reconciliação entre os dois simpáticos esposos. E' mesmo o que parece depreender-se das afirmações que ambos fizeram a um jornalista de Hollywood.

«Desde há dois anos, confessou Douglas, tornei-me um vulgar marido americano, indiferente, distraído. Esquecera-me, durante êsse tempo, que deveria ter sido o amante de minha mulher. Perdendo-a compreendi então que ela era tudo para mim; por isso farei o impossível para a reconquistar.»

Joan, por sua vez, disse: «Ainda hoje amo meu marido. Fui bastante infeliz, não pelo que Douglas me tivesse feito ou dito nêstes últimos meses, mas exactamente pelo que êle deixou de me dizer ou fazer. Quero tornar a encontrar o homem que conheci nos primeiros tempos de casada. Pode considerar-se um crime para uma mulher o procurar ser amada com entusiasmo?»

Estão como se vê, as coisas nêste pé, o que parece indicar uma breve reconciliação entre os dois esposos, cuja separação tanta tinta tem feito correr . . .

A TOBIS sofreu prejuizos

Foi agora tornado pùblico o balanço de International Tobis Co. Ld, a conhecida companhia fabricante de aparelhagem sonóra que em alguns países se dedica também a produção de filmes, e a qual tem filiais em quási todos os países da Europa. Segundo esse balanço, o exercício de 1932 acusa um prejuíso de 15.388 dolares que junto aos prejuisos sofridos durante os anos anteriores prefazem a importante soma de 192.060.

O gabinete do Dr. Caligari vai ser outra vez realizado

Robert Wiene, o homem que há uns doze anos revolucionou o mundo do cinema com o seu famoso *Gabinete do Dr. Caligari* que entre nós se exibiu uns oito anos depois de realisado, encontra-se presentemente em França atingido pelas disposições inexoráveis de Hitler contra os judeus.

Ora Wiene, segundo agora foi anunciado, tem a intenção de refazer a sua audaciosa e celebrada obra, que tanta celeuma causou no mundo inteiro quando da sua apresentação. Para encarar a personagem de Caligari, que Werner Krauss desempenhou magistralmente, indigita se o nome de Michel Simon, possivelmente hoje um dos mais extraordinários temperamentos do teatro e do cinema francês.

Se essa ideia fôr avante, o conhecido dramaturgo Henry Lenormand escreverá o «scenario» e o célebre pintor Franz Masereel fará os «décors».

Já se sabe o título do segundo filme de Greta Garbo

Conquanto *Rainha Christina*, o filme que marca a reentrada de Greta Garbo no cinema, após uma longa ausência da actividade dos estúdios e depois de ter assinado o fantástico contrato que «Animatógrafo» revelou há pouco, foi escolhido já o assunto do seu próximo filme. Será uma transposição cinematográfica da novela de Saumerset Maughan, o autor que viu já duas obras suas transpostas para o cinema — *Sadie Thompson* e *Ciclone* — intitulada *The Painted Veil* (O Véu colorido).

Kay Francis a artista mais elegante do cinema

A Kay Francis, a simpática e elegante morena que é também uma dos mais interessantes temperamentos de artista que conta o cinema Yankee, acaba de lhe ser atribuído, por um comité dos costureiros americanos, a elevada e importante menção da artista mais requintadamente elegante de cinema de além-Atlântico, isto em virtude do bom gôsto, da beleza e do bom estilo dos vestidos por Kay Francis usados não só na tela como até na sua vida particular, fóra do cinema.

Flashes

■ Eleonor Boardman, que recentemente obteve o divórcio do ensccenador King Vidor, encontra-se actualmente em Londres, que visita pela primeira vez.

■ Wallace Beery, ao contrário dos boatos que a êsse respeito chegaram a correr, acaba de renovar por mais cinco anos o contrato que desde 1929 o liga à Metro Goldwyn

■ O enscenador suisso Vitor Trivas vai dirigir a versão cinematográfica da obra de Vitor Hugo «93».

■ George Arliss, o grande actor de teatro que por várias vezes tem prestado ao cinema a sua valiosa colaboração—êle terminou há pouco para a «Warner Bros» o filme *Voltaire* — encontra-se de passagem em Paris para a Inglaterra, onde passará a trabalhar, não tendo intenção de voltar aos Estados Unidos.

■ Michel Simon, Blanche Montel, Roland Toutain, Alerme, Pauline Carton, Lulu Vathier e Hiéronimus interpretam, sob a direcção de Henry Diamant Berger, o filme *Miquette et sa mère*.

■ Em Inglaterra Alexander Korda realisa o filme de ambiente histórico *Henry III*, de que é protagonista Charles Laughton.

■ Gustav Froelich e sua mulher Gitta Alpar, que não há muito vimos em *Esta . . . ou Nenhuma*, estão presentemente representando num dos principais teatros de Viena.

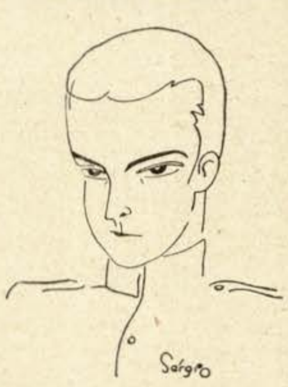
■ Aimé Simon Girard, o «D'Artagnan» dos *Três Mosqueteiros*, Simone Deguyse, o cómico Dranen e Etchepere são os intérpretes de *Champignol malgré lui*, que Fred Heliss dirige.

■ Jack Holt, o excelente actor americano, acaba de divorciar-se de Margarete Wood, depois de 18 anos de matrimónio.

■ Frances Dee que durante algum tempo pertenceu ao elenco da «Paramount», ingressou agora na R. K. O.

■ Eleanor Merry acaba de presentear seu marido Tom Moore, o mais popular artista americano de há uns dez anos, com um bébé.

RAMON NOVARRO



vai interpretar de novo «Romance dum rei»

Ramon Novarro que depois da sua pouco feliz aparição num music-hall francês, foi gosar umas semanas de férias à Suissa, em Gruyère, a pátria do famoso queijo, deve chegar a Hollywood dentro de um mês.

Quanto ao novo filme que irá interpretar quando fôr da Europa, parece não estar ainda bem assente qualquer coisa sôbre o assunto. Assim é que depois de se ter dito que W. S. Van Dyke o iria dirigir em *The Laughing Boy* (O rapaz sorridente) que se inspiraria numa novela de Oliver La Farge, em que é focada a vida dos índios americanos, chegamos agora a notícia que Ramon será o protagonista de *Romance dum Rei* extraido da obra de Sir Anthony Hope, em que terá por *leading lady* Jeannette Mac Donald.

Ora caso curioso: foi na primeira versão daquêle filme, realisada há uns onze anos por Rex Ingram, que Ramon fez a sua estreia na tela, quando se chamava ainda Ramon Samaniegos . . .

Alice Terry, Lewis Stone e a desditosa Barbara La Marr interpretavam também aquela primeira versão.

Eleanor Boardman foi condenada a pagar o que devia a um detective

Eleanor Boardman, a esposa divorciada do enscenador King Vidor, que ainda há pouco ganhara uma acção que contra o seu ex-marido intentara, pela qual ficou recebendo uma pensão mensal de 500 dolares, compareceu agora, por sua vez, ante o juiz em virtude de se ter recusado a pagar os serviços do detéctive Lucien C. Wheelr, prestados durante a marcha do seu divórcio de King Vidor, por os achar exagerados. Desta vez, no entanto, o tribunal não se comoveu e condenou-a a pagar a soma devida àquele detective, que atinge 1256 dolares . . .

Gartner no Campo Pequeno



Na tourada de sábado 10 filmaram se alguns planos de publico e da corrida que serão utilizados na montagem de «Gado Bravo». Vêm-se nesta foto Max Nosseck, Gartner, Artur Duarte, António Lopes Ribeiro, Nita Brandão e Olly Gebauer

Os salários das estrêlas de Hollywood

por GREGORY JOYCE

Acreditem ou não, a verdade é que o dinheiro vai-se tornando raro em Holywood.

Corta-se nas despesas e os salários são reduzidos. As estrêlas que até agora ganhavam salários variadíssimos dos mais elevados aos mais baixos, parece que vão ter todas o mesmo ordenado. Todas, porém, querem ganhar muito, e eis aqui todo o problema.

Em Hollywood os ordenados são uma verdadeira confusão. Todos os artistas estão, ou excessivamente bem pagos, ou bastante mal pagos. E' um sistema pouco feliz. Enquanto o resto da América sofre de inflacção, em Hollywood as estrêlas esperam que os seus ordenados se valorisem, desejando uma verdadeira deflacção. Assim os estúdios, com o pensamento na próxima falência, fazem longos contratos, aumentam a produção ao mesmo tempo que fazem cortes nos orçamentos privativos.

Enquanto a situação se mantêm estacionária todos estão mais ou menos contentes e Hollywood poderá viver ainda por algum tempo sem cuidados. Mas quanto tempo se manterá esta situação?

Entretanto nem toda a gente está já hoje satisfeita, pois que já nêste momento uma maioria de pessoas detentoras de acções de algumas das asas produtoras se irrita com os salários exorbitantes de algumas estrêlas, que ultrapassam imenso o que estas precisam para o seu luxo pessoal e despesas gerais, queixando-se que os dividendos não são distribuidos com tanta generosidade.

Com certesa ouviram falar do celebre caso de James Cagney e dos seus dois ordenados.

James que estava ganhando aproximadamente 450 dolares por semana, o que é em Hollywood um salário modesto, de repente passou a ganhar 1.450.

Desta arte James Cagney que julgava ouvir já o tilintar dos milhares de dolares que ganham William Powell e Ruth Chatterton ficou admirado. A verdade é que não havia razão para isso. Ruth Chatterton tem um ordenado de 375.000 dolares por um periodo de dois anos.

E Powell tem um contrato que lhe garante por quarenta semanas um salario semanal de 8.000. Cagney estava ganhando portanto um sexto desta importancia. Depois de hesitar um tanto rompeu com a maior das simplicidades esse contrato e foi para Nova York fazer a propaganda, por meio do cinema, da profissão médica, iniciando assim a primeira rebelião dos artistas de cinema. Ainda lhe ofereceram 1.750 dolares por semana para que ele retomasse o trabalho, e todos sabem que lhe foram feitas ofertas até 3.000.

O caso de Cagney é tipico. Ha uma duzia de outros exemplos com estrelas que recebem salários que não estão de acordo com o seu valor. Outras, são notoriamente mal pagas mesmo quando se encontram nos pincaros da celebridade. Esta situação complicada, mantida pelos produtores e pelos banqueiros, parece tornar-se de dia para dia mais dificil.



A Clark Gable oi-lhe diminuido o ordenado de 2.500 para 750 dólares...

Quando ultimamente os salários foram redusidos de 40 °|o durante os oito dias da trégua bancária americana, abriu-se o precedente das reducções.

Mas a verdade é que semelhante operação deu origem aos problemas mais intrincados, requerendo cada um deles as soluções mais diversas. Algumas estreias eram pagas ás semanas, durante as 52 semanas do ano. Outras sómente por 42 semanas no mesmo periodo. Poucas tinham contratos de 32 semanas. Algumas estrelas eram pagas por filme.

Finalmente outras recebem uma percentagem no rendimento dos filmes em que figuram.

A Academia do Cinema considerou o problema e cortou o nó gordio, considerando todos os contratos como se fossem de quarenta semanas.

Regras especiais se estabeleceram para artistas que eram pagos pelo seu trabalho em cada filme. Estabeleceram-se leis protegendo as estrelas que trabalham para casas em risco de falencia, e outras prevendo até a suspensão do contrato.

Ninguem imagina qual será a média do salário futuro, mas este parece sombrio para os que ganham muito dinheiro. Poucos, se os há, julgam que poderão subir até as somas fabulosas que chegaram a receber Colleen Moore e Corinne Griffith nos seus tempos aureos da First Nacional, cerca de 10.000 dolares por cada semana e durante todo o ano.

Ninguem actualmente consegue receber 50.000 por semana por uma só pelicula, como John Mac Cormack quando fez *Song O' My Heart.*

Em tudo os contratos são tremendos.

O fabuloso salário de Constance Bennet que montava a 150.000 dolares por mês (isto passou-se ha dois anos) foi agora ultrapassado por o de Ann Har que ganha 200.000 por filme, com a possibilidade de ser aumentada até 300.000. George Raft, o guarda costas de *Scarface*, que ganhava até ha pouco 240 dolares por semana, pensa afastar-se, com outros seus colegas, do elenco da Paramount se lhe não aumentarem consideràvelmente o ordenado.

Ninguém sabe qual será o sucesso dos novos filmes de Greta Garbo mas o que desde já se pode afirmar é que ganhava de inicio 10.000 dolares por semana e agora ganha 750 mil por ano. Marie Dressler, das que maior ordenado recebem da mesma empreza, a Metro, está agora com 2.000 semanais com um contrato regular que lhe assegura uma considerável percentagem no lucro dos seus filmes, tendo sido tratada a expensas do estúdio durante a sua ultima doença. Entretanto há entre Marie Dressler e Wallace Beery uma grande diferença, pois que êste recebe



Wallace Beery também ganha 5.000 dólars semanais



Marie Dressler é uma das actrizes americanas mais bem pagas

VIDA NOCTURNA

UM CASO EMPOLGANTE

Mac Donald é o proprietário dum club nocturno cuja freqüencia é das mais duvidosas. A esposa, que exerce as funções de caixa do estabelecimento, odeia-o cordialmente, e para até certo ponto dêle se vingar mantem relações com o dansarino Klauss que tem na loira e simpática Ruth Taylor a sua *partner* preferida.

Certa noite a atenção de Ruth é atraída para um rapaz que se sentara solitáriamente numa mesa a um canto do salão. Estava consideravelmente embriagado. Ruth conseguiu saber não só que se chamava Michael Brand como também que a mãe dêle havia poucas horas tinha assassinado o marido no próprio quarto da amante, a mundana Edith Clair.

Esta, depois, procura no «bar», o jóvem Rand, insistindo para que a ouça. Assegura-lhe que as suas relações com Mr. Rand tinham sido sempre meramente platónicas, não havendo, portanto, qualquer razão para o gesto inconsiderado de Mrs. Rand.

Sob a acção do alcóol, e ante uma tal revelação, Michael indignado com a atitude de sua mãe, exproba em altos gritos o seu gesto criminoso. Isto origina no club um grande escândalo a que o seu proprietário, Mac Donald, habilidosamente põe termo, inutilisando momentâneamente o rapaz com um formidável sôco. Levam-no para uma sala contígua onde Ruth lhe presta os primeiros cuidados.

Um contrabandista de alcóol, que deveria ter na mulher de Mac Donald uma aliada em virtudas suas atitudes furtivas de mutuo entendimento, vem protestar contra o facto de Mac Donald ter passado a abastecer-se de bebidas dum outro grupo rival.

E em certa altura, a senhora Mac Donald consegue, subtilmente, extrair as balas ao revólver do marido...

Entretanto Rande recupera lentamente a consciência. Sua mãe, posta ao facto do estado do filho, procura-o no club. O rapaz censura-a àsperamente.

E aquela, em face das palavras do filho,





começa a sentir por êste o mesmo rancôr que nutria pelo marido, com quem se casara unicamente na mira da sua fortuna e situação de destaque na sociedade. Deixa o filho; e ao sair cruza-se com Mac Donald que, entretanto, de surpreza, encontra a mulher nos braços de Klauss. Um violento sôco na cara do dansarino põe imediatamente termo ao idílio...

Ruth e o jóvem Rand jantaram juntos. O rapaz sente-se profundamente tocado pela amizade sincera da rapariga.

E sugere-lhe então um longo passeio de noivado pelas tranquilas e edénicas ilhas dos Mares do Sul...

Mas um tiro veio apagar a resposta de Ruth.

O porteiro Tim Dollen fôra morto pelo bando de gangsters inimigos de Mac Donald, os quais vieram fazer uma visita inesperada ao club de Mac Donald com o firme propósito de o liquidarem.

E um tiro parte da metralhadora de Limpy, um dos bandidos, que atinge mortalmente Mac Donald. E a sua digna companheira sofre também igual pena...

Ao repararem que Rand e Ruth tinham presenciado a cena, foi resolvido fazer desaparecer testemunhas tão pouco oportunas. A arma de Limpy se encarregaria dessa fácil missão...

E nasce aqui o grande conflito que torna *Vida Nocturna* uma das mais emocionantes películas que nos foi já dado vêr, focando o ambiente curioso do meio em que a acção decorre.

Os «Speak-easies», as casas suspeitas de Broadway com tôda a sua banda característica *Vida Nocturna* de cuja distribuição fazem parte Lew Ayres em *Michael Rand*; Mac Clark em *Ruth Taylor*; Boris Karloff em *Mac Donald*; Hedda Hopper em *Mrs. Rand*, Russell Hopton *(Klauss)* e Dorothy Revier *(Mrs Mac Donald)*, é um exclusivo da Agência Cinematográfica H. da Costa



Uma piquena declaração formal a JEAN HARLOW



Senhora Dona Vedeta.

Esta manhã,
num jornal italiano
contemplei o seu retrato:
— Bonita fotografia!
Posição original
Duma linda rapariga,
— Flôr de sonho e de magia!

Gosto da perna direita;
E muito mais — acredite,
Que da outra; a perna esquerda
Está, talvez, um bocadinho,
Num exagêro marcado;
E os braços — parecem cordas
Resistentes e formosas,
Mas aonde eu gostaria
De ficar bem enforcado
— Depois de a cobrir de rosas.

São disparates, não acha?

Mas, creio que ficam bem
Nesta expansão
De quem dáva qualquer coisa
Para a vêr — inda que fôsse,
Apenas só de relance...

Porque eu em questões de amor
Fui sempre um homem sem chance,

A's vezes,
Lá consigo insinuar-me,
Quando me preparo, — é claro,
Muito a sós, fazendo bôcas
E trejeitos modernistas
Diante da superfície
Dum velho espelho que eu tenho;
— Recordação de um noivado
Que foi quebrado a martelo
Pela mãi dela — uma velha
De feitio complicado...

Sei que é loira, sei que é linda,
E sei também que lhe chamam
A Princesa —
Dos cabelos de platina.

Mas, fiquei triste; — e porquê?
Oxalá que assim não seja:
— Dizem que toma morfina.

Se assim é, — e se o que eu digo
Vale a ponta dum sorriso,
Não use drogas ficticias,
— Para quê?... — Não é preciso.

Entregue o seu corpo jóvem
A' vida — deixe-o singrar
Nos vai-vens da ilusão;

— Embora guarde p'ra mim
Apenas o coração.

ANTÓNIO BOTTO

dois belos filmes

Audiencia imperial

E' uma cine-opereta alemã de fino traço suavemente humoristico, no córte e no feitio, realizada com um agudo sentido cinematográfico, um bom gosto e uma despreocupação tão notavel e elegante que o seu tom se torna tão grato que chega mesmo a ser amavel, insinuante e até engenhoso.

Outro mérito dêste filme tão interessante, consiste na mobilidade e alegria com que os cenários desaparecem para dar lugar a outros sempre felicissimos, resultando esta qualidade da *Audiência Imperial* como verdadeiro triunfo para a arte cinematográfica. As cenas que assim se transformam ganham em levesa, enquanto a acção se concentra, solicitando vivamente a atenção do espectador que se mantem desde o princípio ao fim sem cansaço, e com um interesse crescente.

O argumento contribui tambem poderosamente para isto, resultando imprevisto e cheio de graça.





Um velho aristocrata cavalheiresco apaixona-se por quantas raparigas novas e bonitas encontra. Seu filho, tenente dos Hussards procura evitar que êle contraia novo matrimónio, fingindo-se êle próprio enamorado das raparigas que o pai pretende, e valorisando as suas qualidades de galã.

Chegou porém a vez de uma por quem o tenente dos Hussards se apaixona deveras e daqui resultam os mais divertidos equivocos até que chega o fim logico que o público sempre apetece: o casameuto dos dois namorados.

Martha Eggerth tão boa actriz como inolvidável cantora, delicia-nos como sempre, admiravelmente secundada pelos outros intérpretes, entre os quais devemos salientar Paul Horbiger, actor de grande classe e de admiráveis recursos.

O director Friederic Zelmik, e os seus colaboradores e intérpretes provaram mais uma vez as suas comprovadas possibilidades.

O club dos suicidas

Baseado em quatro novelas de Edgar Poë e Stevenson *A Mulher emparedada*, *O Museu do Crime*, *Os Doidos* e *O Club dos suicidas*, o filme com este titulo que Richard Oswald realizou com a colaboração dos cenaristas Heinz Soldberg e Lugen Szatanazi consegue empolgar de tal fórma os espectadores que quasi podemos supôr que cada um dêles foi transportado ao verdadeiro ambiente em que se passa a acção do filme, tendo sido a novela de Stevenson que deu o titulo á pelicula, admiravelmente explorada, justapondo-se-lhes perfeitamente as outras num arranjo verdadeiramente primoroso.

Algumas das cenas principalmente, realizadas com agudo sentido cinematográfico são felicíssimas como por exemplo a do manicómio, extraordinária de relevo e resultando muito bem como espectáculo.

Paul Wegener, numa interpretação surpreendente, consegue ultrapassar-se a si próprio interpretando a figura do inventar com uma admiravel consciencia e um consumado conhecimento dos recursus cinematográficos.

Harold Paulsen, no papel do jornalista prova, sem dúvida, estar à altura no desempenho de tão dificil papel.

O grande operador Heinrich Gartner, que presentemente se encontra em Portugal, conseguiu uma fotografia impecavel de relevo e volume e que não é demais encarecer.

Audiencia Imperial e *Club dos Suicidas*, são apresentados em Portugal pela Sonoro Film.







AUDIÊNCIA IMPERIAL
COM MARTHA EGGERTH

O CLUB DOS SUICIDAS
COM PAUL WEGENER

AS INICIATIVAS DE

O CONCURSO entre os assinantes que vai levar um dêles a NEUBABELSBERG — QUINHENTOS ESCUDOS a quem indicar a mais bonita lenda PORTUGUESA

Na correspondência dos últimos dias chegam-nos também algumas cartas de leitores aflitos que nos preguntam desamparadamente se votámos ao ostracismo o nosso famoso concurso das viagens a Berlim.

Não, leitores amigos; que ideia triste que vocês tiveram. «Animatógrafo» leva sempre até ao fim as mais arrojadas iniciativas. O nosso silêncio do número passado sôbre êste assunto palpitante, foi devido não só à tremenda falta de espaço com que lutamos mas ainda porque, tendo sido adiado o prazo do sorteio e conhecendo os nossos leitores de cór as condições do concurso, não valeria a pena prejudicar o desenvolvimento doutros assuntos de mais actual interêsse.

Isto, evidentemente, não significa nem de longe que nos tenhamos desinteressado do assunto. Pelo contrário. H. da Costa já por três vezes nos escreveu desde o penúltimo número do «Animatógrafo», falando-nos do seu concurso das viagens e anunciando-nos definitivamente para Setembro, como de resto já tinhamos anunciado, o sensacional sorteio dos prémios que saciará enfim a enorme ansiedade com que os concorrentes a esperam.

«Animatógrafo» continua a reunir grande número de novos prémios para juntar aos que já existem e aumentar assim o interêsse do concurso, conseguindo com isso que os concorrentes nada percam com a demora.

A razão de pêso para o adiamento do sorteio já foi explicada no penúltimo número passado de «Animatógrafo». Os estudios da U. F. A., que deverão ser visitados pelo cinéfilo premiado, encontram-se actualmenfe desertos por se estar procedendo ao estudo da produção para a próxima época. Neste momento a visita prometida não teria o menor interêsse. H. da Costa pretende mostrar ao seu premiado um grande estudio em plena e agitada laboração. Alem disso o mês de Setembro coincide mais exactamente com a época das férias dos estudantes que perfazem a maioria dos nossos concorrentes, que poderão assim deslocar-se de Lisboa sem prejuizo para a sua vida habitual.

Segue a lista dos prémios:

1.º PRÉMIO: E' como se disse já, UMA VIAGEM A BERLIM com direito a uma hospedagem de 6 dias num hotel de 1.ª ordem, visita aos principais cinemas e monumentos da grande capital alemã, E AOS ESTÚDIOS DA U. F. A. EM NEUBABELSBERG, a grande cinelândia europeia.

2.º PRÉMIO: Um receptor rádiofónico «Stewart-Warner» círcuíto super heterodino modêlo 1933.

3.º PRÉMIO: UMA CAMARA DE FILMAR «ENSIGN» para filme de 16 milímetros.

MAIS DUZENTOS PRÉMIOS — Além dêstes três prémios de primeiro plano, haverá mais duzentos prémios de consolação, constituídos por máquinas fotográficas, produtos de beleza da *Fábrica Nally*, etc.

H. da Costa, director da produção do Bloco, encarregou a revista «Animatógrafo» de abrir um curioso inquérito que se destina a fazer ressurgir, por intermédio dos nossos leitores, a mais interessante lenda portuguesa.

Esse inquérito, que já foi aberto no número passado, interessou muitos cinéfilos e principalmente os leitores da província de quem já recebemos inúmeras cartas pedindo-nos informações detalhadas sôbre o assunto.

Informações já nós as demos todas. Nada ou quási nada temos a acrescentar. O inquérito lançado por «Animatógrafo» é duma simplicidade a tôda a prova e não tem complicações que seja necessário esclarecer. No último número da nossa revista apresentávamos claramente todos os detalhes do inquérito e dávamos todas as explicações.

H. da Costa resolveu aproveitar alguma dessas lendas para argumento dum dos seus filmes. Essa ideia obedece, não a um simples capricho de produtor mas sim à tendência, sempre manifestada por H. da Costa, para rializar filmes essencialmente portugueses. Nada como uma lenda portuguesa pode dar mais fàcilmeute pretexto ao aproveitamento em cinema do nosso folklore, dos nossos costumes e da nossa maneira de sentir.

Os leitores que queiram responder ao nosso inquérito não terão certamente um excessivo trabalho em fazê-lo. «Animatógrafo» que é talvez o vosso amigo menos complicado, limita-se a dirigir-vos uma pregunta cuja resposta lhe parece fácil:

Qual é a mais bonita lenda portuguesa?

Em face disto, vocês não terão mais do que olhar para o tecto com um ar vagamente pensativo e procurar na vossa memória a recordação provável duma lenda que a avósinha vos tivesse contado há muitos anos, quando os vossos olhos recusavam teimosamente a fechar-se para dormir. A memória é uma caixinha muito leve e aparentemente vazia, mas donde saem as coisas mas inesperadas.

Se rialmente não encontrarem nada na memória, não desanimem. Procurem por outro lado; preguntem aos vossos amigos que cometem o crime de não comprar o «Animatógrafo» e que portanto não sabem do inquérito, e tentem ganhar alguns dos prémios com a lenda que êles vos contarem.

Mas tenham cautela porque nem todas as lendas servem. Evidentemente, se vocês nos vierem impingir aquelas massadas que vêm nas Histórias de Portugal da instrução primária, ficaremos com certeza muito contrariados e a fazer uma ideia muito triste da ideia que vocês fazem de nós.

Mas estamos certos de que não vos será difícil desenterrar do esquecimento uma lendasita menos conhecida. Se a encontrarem, mastiguem-na bem, sintetizem-na, escrevam-na em meia dúzia de linhas que poderão ser esticáveis até ao limite duma fôlha de papel dactilografada, e enderecem-na para Animatógrafo», com referência no subscrito ao concurso das lendas. Num dia que anunciaremos depois, reunirá o júri compôsto por várias personalidades do Bloco e dum conhecido crítico literário que já deu sobejas provas da sua competência. São êles:

H. da Costa
Madame Butuller da Costa
Max Nosseck
António Lopes Ribeiro
Francisco Alves de Azevedo

que se pronunciarão definitivamente sôbre o interêsse das respostas recebidas.

Os três prémios oferecidos por H. da Costa aos leitores que apresentar em as três lendas mais curiosas, não são asneira nenhuma. Prefazem um total de mil escudos distribuidos proporcionalmente: *1.º prémio*

500 escudos

2.º prémio

300 escudos

3.º prémio

200 escudos

"ANIMATÓGRAFO"

A inscrição de intérpretes para os filmes do BLOCO H. DA COSTA tem alcançado um êxito invulgar — Alguns dos inscritos revelam dotes excelentes para o cinema, devendo já entrar em "GADO BRAVO"

O Departamento de Selecção de Intérpretes, a última das iniciativas de «Animatógrafo»,— sempre na mira de interessar cada vez mais a legião dos seus leitores, que de número para número aumentam em proporção consoladora— alcançou um êxito que sincera e orgulhosamente o dizemos, excedeu em muito a nossa espectativa.

Os nossos leitores acorreram com alvorôço à séde dos nossos serviços de «casting» apressando-se a inscrever-se no «Casting Bureau» que «Animatógrafo» foi incumbido de organisar e que se destina à selecção de intérpretes para os filmes do Bloco H. da Costa, no primeiro dos quais, que como é sabido está sendo supervisado por Max Nosseck e dirigido pelo nosso director, António Lopes Ribeiro, e se intitula «Gado Bravo», devem já tomar parte vários intérpretes, tanto masculinos como femininos, escolhidos de entre os leitores de «Animatógrafo» inscritos no nosso Departamento de Selecção de Intérpretes.

Como dissemos já, a afluencia ultrapassou extraordinariamente as nossas suposições. Dezenas e dezenas de leitores — e as senhoras corresponderam galhardamente ao nosso convite, acorrendo à Secção Feminina do A B C, que tanto na segunda-feira, dia de abertura do «Casting», como na quarta-feira, esteve animadíssima—passaram em frente do nosso chefe de redacção, dr. Félix Ribeiro, que tem a seu cargo a direcção dos serviços do D. S. I. e o qual não teve mãos a medir, preenchendo com rigoroso método as fichas que vão constituir um precioso arquivo de tipos a aproveitar nas futuras produções do Bloco H. da Costa, enquanto Luís Nunes, o fotógrafo *attaché* do Departamento, fotografava os concorrentes.

Ora a razão dêsse êxito, que sobremaneira nos orgulha, é a-final fácilmente explicável pelo aspecto de seriedade e correcção com que a iniciativa foi lançada, e por isso mesmo perfeitamente compreendida pelos nossos leitores. Daí, pois, o êxito incontestável dessa nova organisação.

Com isso cada vez nos sentimos mais satisfeitos, por não termos querido fazer uso para a escolha dos intérpretes para os filmes do Bloco H. da Costa, dos estafados e já desacreditados, — pelos seus constantes e retumbantes fiascos — concursos de *fotogenia cinéfila*. Bem andámos, pois, em não nos termos utilisado de semelhante processo. Com isso só temos que nos felicitar.

Como dissémos no nosso número passado, e não nos cansamos de repetir, no próprio interêsse dos leitores, o Departamento de Selecção de Intérpretes está aberto á inscrição de todos. Absolutamente **toda a gente** está apta a inscrever-se, porquanto, todos os tipos são necessários para um filme.

Deixar de concorrer seria o mesmo que deixar perder uma oportunidade que dificilmente se repetirá de entrar para o cinema, a aspiração máxima de toda a gente em todo o mundo, oportunidade que o Bloco H. da Costa oferece a todos os leitores de «Animatógrafo».

É POR ISSO, QUE NINGUÉM DEVE DEIXAR DE SE INSCREVER NO **D. S. I.** DE «ANIMATOGRAFO».

O serviço fixo — o outro serviço, volante, que é dirigido pelo nosso camarada Olavo de Eça Leal, deve ter início já na próxima semana— que se destina às pessôas que queiram voluntáriamente inscrever-se no nosso «Casting Bureau», encontra-se aberto nos dias seguintes:

SENHORAS: 2.as e 4.as feiras, das 15 às 18 horas na Secção Feminina do A B C — 69, Rua do Alecrim.

HOMENS: 3.as e 5.as feiras, das 16 às 19 horas, na redacção de «Animatógrafo» — 61, Rua do Alecrim.

Cada concorrente receberá em troca da quantia de cinco escudos da inscrição, um talão com um número de ordem, sendo em seguida organisada a sua ficha que ficará com o mesmo número da inscrição, depois do que lhe será feita a fotografia, e lhe será oferecida uma prova em formato bilhete postal, precisamente igual à que fica arquivada. E a partir do número imediato à data da inscrição receberá pelo correio e gratuítamente durante um mês — ou sejam quatro números — a nossa revista.

«Animatógrafo», que não cessa de oferecer regalias aos seus assinantes, resolveu que para todos êles as inscrições sejam absolutamente gratuitas, ficando com os mesmos direitos dos outros concorrentes.

OS MELHORES RETRATOS SERÃO SUCESSIVAMENTE PUBLICADOS A PARTIR DO PRÓXIMO NÚMERO NAS PÁGINAS DE «ANIMATOGRAFO», COM UMA PEQUENA APRECIAÇÃO SOBRE OS CARACTERES DOS PAPÉIS QUE MELHOR PAREÇAM AJUSTAR-SE ÁS CARACTERISTICAS DO CONCORRENTE.

*

«Animatógrafo» não esqueceu os seus leitores da provincia. Poderão assim ingressar também nos nossos arquivos, como possíveis colaboradores do Bloco H. da Costa.

Todos os que se interessarem não têm mais que mandar uma carta, TRAZENDO INCLUSO UM SELO DE 40 CTS. para a respectiva resposta, endereçada ao: DEPARTAMENTO DE SELECÇÃO DE INTÉRPRETES, «Animatógrafo», 65, Rua do Alecrim, Lisboa.

Ser-lhe-á em seguida enviado um questionário que depois de devidamente preenchido nos será devolvido juntamente com uma fotografia formato bilhete postal e respectiva importância da inscrição — 5$00.

E agora, estando todos os nossos leitores, tanto os de Lisboa como os da provincia, em igualdade de circunstâncias, não têm mais que acorrer à respectiva séde dos serviços do Departamento da Selecção de Intérpretes» para os filmes do Bloco H. da Costa, e inscrever-se.

INSCRIÇÃO DE

HOMENS

A's terças e quintas

DAS

16 ÁS 19 HORAS

NA

REDACÇÃO

DE

ANIMATÓGRAFO

61, R. do Alecrim

LISBOA

INSCRIÇÃO DE

SENHORAS

A's segundas e quartas

DAS

15 ÁS 18 HORAS

NA

SECÇÃO FEMININA

DO

A B C

69, Rua do Alecrim

LISBOA



TODA A CORRESPONDÊNCIA DESTINADA A ESTA SECÇÃO DEVE SER DIRIGIDA A *DR. CELULOIDE*, : : *R. DO ALECRIM, 65-LISBOA* : :

Correio dos Cinéfilos

SERGIO. *Lisboa* — Como por certo viu, publicamos hoje, como lhe prometeramos, um desenho seu a ilustrar uma noticia de Ramon Novarro. A seu tempo serão inseridos alguns dos outros que teve a gentileza de nos oferecer.—Voltando ainda ao assunto *Venus Loira* confesso-lhe que desse filme tenho lido em revistas americanas e inglesas nunca em nenhuma delas vi referencia a essa scena. Pode ser que sim... pode ser que não... — Gostava muito de saber em que se funda para supôr que o Dr. Celuloide é esse nosso camarada.

Não se esqueça de me dizer a razão disso. E desde já lhe posso afirmar que são duas pessoas distintas e ambas verdadeiras... — A razão porque quási exclusivamente todas as revistas publicam esses retratos é porque sempre são mais interessantes e aliciantes que os do sexo oposto,.. O meu amigo é o próprio a achar explêndida a ideia...—E não se esqueça que leio sempre com prazer as suas cartas.

GUSTAV. *Foz do Douro* — Alguns dêsses documentários foram exibidos já. Leitão de Barros tenciona realisar tão depressa quanto possível as «Pupilas». — Que opinião lhe poderei eu dar àcêrca dum filme que apenas está começado? E demais a mais não tenho sôbre êle elementos que me habilitem a fazer qualquer juizo. Faça como eu: espere os acontecimentos...

AZAS. *Lisboa*—Acho que fez muito bem nessa sua atitude, que muito lhe agradeço. E espero que não deixará de se interessar pela nossa revista, nem de escrever para o Dr. Celuloide, que tem sempre muito prazer na leitura das cartas dos seus correspondentes... mormente quando são tão gentis como o é *Azas*.

— A Clark Gable enderece: Metro Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Calif., e a Neil Hamilton para os Paramount Studios, 5451 Marathon Street, Hollywood Calif. Charles Boyer mora no 6, rue Dante, Paris (5) — O bilhete é só um, e o remédio para um caso dêsses, em que o contemplado não possa utilisá-lo, está senão estudado, para de certa fórma compensar a sua não utilisação. A seu tempo diremos como proceder. Esse caso foi, por isso, já previsto.—E agora não volte a pedir-me desculpa por me escrever. Só lhas aceitaria se estivesse muito tempo sem me dar noticias suas, o que estou certo não sucederá, não é verdade?

LOVE, ONLY LOVE. *Cartaxo* — Acredito na sinceridade dos seus elogios. De facto não eram precisos para eu lhe responder... Satisfazendo o seu desejo, público neste número o seu pedido de correspondentes. E até breve, seu terrivel amoroso...

DR. OX. *Lisboa*—A resposta á tua primeira carta foi publicada no número 9. Não tens mais que folhear a coleção, meu tão ilustre como carissimo colega. — Para a tua querida Anita Page, cuja morada já te dei, seria conveniente escrever-lhe em inglês e não menos conveniente mandar-lhe unsselos americanos na importância dum quarto de dólar, ou sejam 25 centimos. — Retribuo os teus cumprimentos, assim como esses dois camaradas meus. —Lá publico hoje o teu pedido na Posta Restante. E saúdinha.

CAXULLO. *Coimbra* —Comunicámos à administração o que a ela dizia respeito. — A sintese que nos traça dessa revista é flagrante e absolutamente certa. E' assim mesmo. Nós sabêmo-lo por experiencia própria... Vou renovar o seu pedido na Posta Restante; creio bem que não deixará de ter com quem corresponder. — O amigo aí em Coimbra parece saber mais que eu aqui em Lisboa; essa de que a canção que servia para a prova de canto no concurso da Tobis tinha sido o «Burriê» é novidade para mim. Confesso-lhe que ignorava tal pormenor. — Até breve, bom amigo.

MARQUEZ DO AMOR. *Lisboa* — Em resposta à sua carta começo por lhe dizer que nunca nos maça com as suas preguntas, o que aliás acontece exactamente a qualquer outro consulente; são precisamente essas as nossas funções em «Animatógrafo». — Emil Jannings é mesmo o seu verdadeiro nóme. Nasceu em Brooklyn, New York, a 26 de Julho de 1886. Veiu com seus pais muito nôvo para a Alemanha onde teem sempre vivido. — *Variedades, Fausto, Tartufo, O Patriota, Tortura da Carne*, contam-se entre alguns dos seus melhores filmes. — E pelo que respeita á *malta* não julgue que nos zangámos por isso. Não, senhor. — Na Posta Restante faço o que me pede. E fique descançado que não revelarei a ninguem a sua morada.

KU, KLUX, KLAN.—Acredito que me tivesse já escrito, mas o que lhe garanto é que a sua carta me não veio parar ás mãos, pois de contrário já lhe teria respondido, como sempre faço a todos os meus correspondentes.—Tem ainda uma das mais importantes casas distribuidoras portuguesas: a Agencia H. da Costa, Avenida da Liberdade, 45. — A outra casa está domiciliada na Rua Alexandre Herculano, 21 r/c. E volte a escrever-nos quando necessitar de qualquer informação sôbre assuntos cinematográficos.

O APAIXONADO DE LILIAN HARVEY. *Vila do Conde*— O mais que lhe posso fazer, atendendo ao facto de não saber esses idiomas, é dar-lhe um modêlo para o amigo se guiar. Qualquer dia lho mandarei. O melhor que tem a fazer, para enviar essas importâncias, é comprar sêlos dos respectivos países que perfaçam essas somas. Nos bancos, ou nos consulados respectivos, deve encontrá-los. Parece-nos mais prático que mandar cheque. — E agora já sabe; quando quizer alguma informação não tem mais que escrever ao Dr. Celuloide, e não á Administração.

MORENA DE SANT'IAGO DE CACEM. *Cacem* — Agradeço e retribuo as suas palavras tão amáveis, simpática moreninha, esperando tambem que não seja a primeira e ultima, a carta a que lhe estou respondendo. — Charles Farrell deixou há pouco a Fox, não estando agora sob contrato de qualquer outra emprêsa. Por isso lhe deve escrever para a sua morada particular, em Beverley Hills, Calif. (U. S. A.) Suponho que manda fotografia. — Dennis King, depois de ter interpretado *O Rei Vagabundo* voltou ao teatro. Agora, há bem pouco tempo, acabou de interpretar com Laurel e Hardy, a comédia *Fra Diavolo*. Pode escrever-lhe para os Metr. Goldwyn Mayer Studios, Culver City, Calif.—E agora fica já sabendo que nunca nos importuna; bem pelo contrário.

MARY 20. *Lisboa*—Todos os meus camaradas lhe agradecem as palavras tão amáveis que a cada um V. dedicou. E aos deles junto tambem os meus... Ficámos verdadeiramente encantados com o que nos disse. — As suas considerações àcêrca do nosso cinema e os comentários que faz a essas pequenas são muito inteligentes e absolutamente certas. E' assim mesmo.—E já que se interessa tanto pelas coisas de cinema, aconselho-a a inscrever-se no *Casting* do Bloco H. da Costa; há nêle lugar para todos os tipos, não sendo essa razão que me apresenta absolutamente plausivel para não tentar o cinema. Não tem, pois, justificação nenhuma para não concorrer. — E agora até breve, simpática Mary.

E. M. G. B. *Porto* —Mas com certeza; as assinaturas podem ser iniciadas a partir de qualquer número. Depende apenas da vontade do futuro assinante...

JOÃO SOARES. *Evora* — Tanto para um como para o outra, pode-lhe escrever tanto em francês como inglês. Viveram muito tempo em França; daí o não lhes ser dificil compreenderem o que o amigo lhes disser.—Pelo que vejo tem um certo *beguin* pela Barbarasinha? Não me ganha... Ela é na verdade um encanto de rapariga. E' pena estar tão longe, não é? — A *nossa*, desculpe o plural mas tenha paciencia, Barbara Kent chama-se na realidade Barbara Cloutman. E' natural do Canadá, tendo nascido em Gadsby, no estado de Alberta, a 18 de Dezembro de 1908. E' morena de olho azuis. Antes de ter entrado para o cinema estava empregada numa casa de modas de Hollywood. Ganhou alguns prémios de beleza e depois de ter interpretado em alguns *westerns* Clarence Brown fê-la aparecer no *Diabo e a Carne* ao lado de John Gilbert e Greta Garbo. Ultimamente tem feito papeis de pequena importância. — Sim, senhor; não perca *A Imperatriz e Eu*, quando aí fôr, no Salão Central. E' um filme impecável, que nenhum cinéfilo digno dêsse nome deve deixar de vêr. Lilian Harvey está nêle mais adorável que nunca. — Volte a escrever quando lhe apetecer.

VENUS DA COSTA DO SOL. *Lisboa* — Desculpe o atraso da resposta, mas como a correspondencia está aumentando de número para número e o espaço não possui aquelas propriedades de elasticidade que seria para desejar, é essa a razão de tal precalço, que eu sou o primeiro a lamentar mas a que não posso dar o remédio conveniente... Verdade seja que agora tem, até certo ponto, um meio de vêr abreviadas as suas respostas... Mas que isso não implique o deixar-me de escrever. Tenho muito prazer em lhe falar, e em a ler tambem. — Para lhe ser franco não sei ainda quando começará a filmagem da *Canção de Lisboa*—oficialmente nada nos foi ainda comunicado — nem tam pouco quando estará concluida. Faça como nós, espere pelos acontecimentos. Na Posta Restante respondo por sí a *Cinéfilo Amoroso*. A carta para o *Duque* já seguiu. — E creia que a-pesar-do telefone, não dispenso as suas cartas, simpática amiga.

JOSELINDO. *Elvas* — Nancy Carroll é uma artista muito simpática e bastante bonita. Lembra-se de a vêr em *Segue o teu coração?* Estava nêsse filme um verdadeiro encanto. —A última pelicula em que a vimos foi em *O Homem que eu Matei*. Terminou há pouco para a Paramount *I Love That Man* (Amo aquêle Homem). Escreva-lhe para os Paramount Studios, 5451, Marathon Street, Hollywood, Calif. — Dentre os que menciona *Eu de dia e tu de Noite* é para nós o melhor.

E. N. *Porto* — Agradeço e retribuo os seus amáveis cumprimentos. Comunicada à Administração a parte da carta que lhe dizia respeito.

Encontra numa das páginas anteriores a resposta à sua primeira pregunta. Quanto à segunda, é ainda muito cedo para poder responder com segurança. Finalmente, posso informá-lo que a exibição do filme a que se refere, se não fará já na presente época. E sempre ao seu dispôr.

Posta Restante

LOVE, ONLY LOVE, nosso leitor do Cartaxo, deseja trocar correspondencia com leitores de «Animatógrafo», por intermédio do Dr. Celuloide.

O DR. OX, de Lisboa, pede-nos para que comuniquemos a *Venus da Costa do Sol*, que teria muito prazer em com ela trocar correspondencia, e no caso de aceder, nos informar disso.

CAXULLO, leitor coimbrão, deseja corresponder-se com leitoras de «Animatógrafo», entre elas com *Mimi Agulha*, por intermédio do Dr. Celuloide.

MARQUEZ DO AMOR, de Lisboa, pregunta a *Violeta dos Olhos Negros* se acede a correspondencia com êle, por nossa interferencia.

PRINCIPE DO ORIENTE, de Lisboa, pede-nos para manifestar-mos o seu *ardente* desejo de se corresponder com *Violeta, a dos Olhos Negros*. E mais nos pede para que digamos àquela nossa leitora que os olhos dele são negros também . . .

CRITICA

Audiência Imperial



(Kaiserwalzer)
de FRIEDERICH ZELNICK

Simpática, esta nova película de Martha Eggerth. Simpática pelo argumento, de certo modo original, simpática pelos intérpretes, simpática pela linda musica e pelos ainda mais lindos exteriores, simpática emfim, pelo cuidado que puzeram na sua enscenação.

Zelnick dirigiu o filme por forma a merecer elogios. Não inventou coisas novas. Mas utilizou as velhas o melhor possivel. Por isso o seu filme deixa bôa impressão, tanto mais que se sente que foi tratado com carinho e especial atenção.

A abertura da película dispõe bem. As coisas bonitas que nos mostram e a música que ouvimos preparam espléndidamente o ambiente e tornam-nos indulgentes para o que vai seguir-se. E o que depois se segue não desmerece essa indulgência.

Foi curiosa a maneira porque Zelnick dá o escándalo que rebenta na região quando Mizzi parte na carruagem para o baile. Se as várias personagens falassem menos, o filme podia considerar-se perfeito, no seu género. Isso prejudica-o um pouco, como espectáculo, num país em que o alemão é compreendido por uma reduzida minoria.

Estão no desempenho grande parte dos motivos de agrado da *Audiência Imperial*. De facto todos os intérpretes são excelentes. O mais fraco é o galã, Willy Eichberger, um novo com bom aspecto mas que não se mexe ainda bem.

Martha Eggerth, a loirinha dos olhos meigos e da voz encantadora, está cada voz melhor, mais engraçada e representando na perfeição. O traje típico e o penteado com que aparece, ficam-lhe a matar.

Olly Gebauer, que vai desempenhar um dos principais papéis do *Gado Bravo*, faz a gentil Lori e muito bem.

Paul Hörbiger e Szöke Szakall campõe duas figuras pitorescas com aquela naturalidade e graça a que já nos acostumaram. Num papel secundário o excelente Fritz Kampers, que vimos no *Quatro de Infantaria* e na *Tragédia da Mina*.

Emfim, um filme agradável que diverte e dispõe bem, proprio da quadra que atravessamos. Os filmes nesta época do ano deviam sêr todos assim: alegres e frescos para nos fazerem esquecer o calôr.

(Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal)

O Club dos Suicidas

(Unheimliche Geschichte)
de RICHARD OSWALD

Heinz Goldberg e Eugen Szatanazi, os cenaristas dêste filme, não se saíram mal. Podiam, no entanto, ter-se saído melhor.

Mas já não está mal o que fizeram. Imaginar um argumento sôbre quatro ideias diferentes, embora mais ou menos afins pelo ambiente, não é fácil. As quatro ideias foram a matéria de quatro novelas de Edgar Poë e de R. L. Stevenson. Os argumentistas, ao elaborarem o cenário, não aproveitaram as novelas, aproveitaram só as respectivas ideias-mães: a mulher e o gato emparedados, o museu do crime, o manicómio e o club dos suicidas.

Por isso não admira que as novelas se encontrem falseadas, principalmente a última, a alucinante *Suicide Club* de Stevenson, de que não encontramos no filme nem o enrêdo, nem o ambiente, nem as estranhas personagens. Mas não se trata aqui de adaptação. Trata-se simplesmente de um arranjo inspirado nessas novelas, e portanto não podemos exigir mais.

Richard Oswald realisou o filme com notável segurança. Muitas cenas foram compostas primorosamente, com meticulosidade e vigor, como êsse episódio horrivelmente picaresco do manicómio, um verdadeiro achado espectacular, embora falso e absolutamente fantasista, pois os loucos são incapazes de movimentos colectivos.

As cenas passadas no club dos suicidas ganhavam se fôssem mais sóbrias, menos extravagantes, ou pelo menos se fossem duma extravagancia menos espectaculosa, como Stevenson as criou.

Embora não fôsse possivel respeitar o enrêdo da novela, respeitasse-se ao menos o ambiente, tanto mais que o que inventaram para substituir os dados originais fica muito abaixo dêles.

Em Stevenson não há maquinismos imprevistos, relógios fatidicos, decorações espalhafatosas. Há uma atmosfera de tortura moral, de angústia, vigorosa e impressionante, conseguida sem se recorrer a fantasias baratas.

Por isso a última parte do filme que podia e devia sêr a mais forte, é exactamente a mais fraca.

E depois não se percebe porque é que o jornalista não é morto no fim das badaladas. Wegener julga-o morto. Mas porque morreu êle?

Paul Wegener desempenha o protagonista, um verdadeiro monstro. Fá-lo por forma convincente, e é êste o seu melhor elogio. De resto papéis dêstes para Paul Wegener são brincadeiras. Harald Paulsen faz o jornalista simpático e audacioso que acaba por vencer o monstro. Não o faz mal, mas precisava de mais *allure*, precisava afinal de ter sido mais convencional para mais se ter impôsto.

Todos os outros interpretes, e muitos são, desempenham á maravilha as suas figuras. Até o gato...

A fotografia é de Heinrich Gärtner, o famoso operador que se encontra em Portugal para filmar o *Gado Bravo*, o primeiro filme do Bloco H. da Costa. Como sempre, Gärtner trabalhou im-



pecávelmente e num filme como êste isso ainda é mais de apreciar, dadas as dificuldades especialissimas provocadas pelo ambiente requerido.

(Distribuição da Companhia Cinematográfica de Portugal).

Honra de Amante

(Honor among lovers)
de DOROTHY AZNER

Os argumentos americanos nem sempre são disparatados nem incongruentes. O que têm é sempre uma feição própria, motivada pela sua idiosincrasia e pelas caracteristicas da vida e da civilização que distinguem o povo *yankee* de qualquer outro. Como essa maneira de ser, de sentir e de proceder estão imensamente distantes da nossa mentalidade e da nossa sensibilidade, muitas coisas que lá são naturalíssimas e vulgaríssimas tomam, para nós, um aspecto extravagante, falso, convencional.

Dá-se um pouco isso com o argumento dêste filme. O conflito e as sucessivas soluções por que as figuras em jôgo o procuram resolver, estão certas, humanamente certas na América. A nós, podem parecer erradas, mas não estão. O que é preciso é olhá-las como um documento da vida americana e não como um caso universal.

As duas figuras principais são talvez pintadas com tintas demasiado côr de rosa. Mas é preciso não descrêr da humanidade. Nada impede que admitâmos a existência de tão leais e rectas pessôas.

Dorothy Azner foi a realizadora da película. Já vimos trabalhos seus muito mais perfeitos. Nêste faliu em absoluto em dois pontos: a forma porque deu o desenvolvimento do conflito e a progressão de tempo. Nem num nem noutro ponto empregou processos cinematográficos. O conflito foi todo conduzido nos diálogos e a progressão do tempo dada por legendas, muito simplesmente.

Ora se êste último processo é condenável sòmente sob o ponto de vista técnico, o mesmo já se não pode dizer do primeiro, que inferioriza o filme também nas suas qualidades espectaculares.

Foi interessante a forma por que souberam marcar a diferença entre as duas personalidades representadas por Frederich March e por Monroë Owsley, utilisando o arranjo dos interiores das respectivas casas. A de Owsley—no filme um *par-*



venu, um arrivista recem-enriquecido — decorada com espavento, no estilo modernista mais berrante. A de March — rico de sempre, homem de educação — arranjada com um luxo seguro, um tudo-nada severo, discreto e autêntico.

Frederich March desempenha o protagonista com a maior correcção. Mas o papel é, sem dúvida, curto para os seus meios. Verdade seja que isto é um defeito. Claudette Colbert dá-lhe a réplica. O seu trabalho está certo, sómente não brilha porque o papel também não dá para isso. Completam a distribuição os excelentes Monroë Owsley e Charles Ruggles, que tornam a afirmar-se dois artistas de vincadas personalidades e largos recursos.

(Distribuição da Paramount Films S. A.)

Diplomata para Senhoras

(Der Frauendiplomat)
de E. W. EMO

Outro filme simpático e engraçado, sem pretensões, mas agradável por isso mesmo.

O argumento não está mal arquitectado. Por vezes roça pelo disparate, o que talvez se escusasse.

Mas a história dêsse adido de embaixada que atrai as mulheres irresistivelmente, não deixa por isso de divertir, antes pelo contrário.

Evidentemente que o argumento não resiste á mais ligeira análise. Mas quem fôr analisar à luz da lógica e das rialidades um argumento dêste género, ou é maluco ou idiota. Desde que tenham sabido inventar uma história suficientemente cómica e imaginosa, que não seja estupida, está tudo certo. E' o que se dá com o *Diplomata para senhoras*.

E. W. Emo dirigiu a rialização com a sua costumada habilidade; podia no entanto ter dado ao filme maior coesão.

Martha Eggerth torna a encantar-nos. Continúa igualmente graciosa mas vai ganhando desembaraço. Representa agora mais à vontade e com mais alegria.

Max Hansen consegue com a sua enorme naturalidade fazer-nos esquecer o seu fisico embirrento. E' sem dúvida um actor.

Noutros papéis, o excelente Leo Slezak, Anton Pointner, Albert Paulig e muitos outros.

Foi pena não terem arranjado duas mulheres bonitas para fazerem as espôsas levianas dos



embaixadores. As que as fazem são «pouco bonitas» demais...

A música de Hans May é alegre e melodiosa.

(Distribuído pela Agência Cinematográfica H. da Costa).

Domingos Mascarenhas

Actualidades

A falta de espaço com que lutámos a semana passada obrigou-nos a remeter para êste número a publicação das apreciações sôbre os complementos.

Os leitores encontrarão, portanto, aqui, referências aos complementos dos últimos quinze dias.

Na penúltima semana só a Paramount *teve ocasião de apresentar «actualidades». Foram quatro, nada menos, as revistas mundiais que incluiu nos programas exibidos. Isto, que seria ótimo se as «actualidades» fôssem bôas, não foi mau apesar de não o serem, porque serviu para despachar uma quantidade enorme de «actualidades» velhas. Entre as coisas e personalidades de mais interêsse mostradas nessas revistas mundiais destacamos Einstein, Roosevelt, Paderewski, Hitler, o dr. Schacht, Von Papen, um incêndio em Tokio, saltos de Ray Wood, Herriot, os funerais de Coolidge, etc. No «etc» estão: três corridas de cavalos, duas cenas de circo, uma tempestade na costa dos Estados-Unidos, uma prova de skis, exercícios da esquadra americana e outras coisas de igual calibre.*

Para que se faça uma ideia da «idade» destas «actualidades» basta dizer que incluiam o incêndio do Atlantique *e os funerais de Coolidge, dois acontecimentos que já têm barbas brancas.*

Na semana passada as «actualidades» apresentadas não foram melhores. A Fox *exibiu o seu jornal n.o 74, quasi todo êle composto de curiosidades sem imsportância, como um aparelho para experimentar o-pretendentes a pilotos de aviação e o «auto da morte», número de sensação inventado por um senhor de Nuremberg para a Exposição de Chicago. Tornamos a vêr a abertura do Reickstag, mais de um mês depois de já a termos visto noutras «actualidades», e observamos uma grande manifestação dos antigos combatentes contra a guerra, em Genebra. Também nos mostraram Mascagni, o célebre compositor da «Cavalaria Rusticana» que acaba de fazer 76 anos.*

H. da Costa *apresentou uma revista em que se vê uma curiosa festa na Itália fascista, e o* Noticiário Sonoro U. F. A. no. 24 *em que se mostravam uns poucos de números sôbre costumes típico daqui e dali, algumas coisas sem importância e duas coisas bonitas: aspectos do lago Wansee nos arredores de Berlim, com 500 barcos de sport a cortá-lo em todas as direcções, e uma parada em Bengosi, na Cirenaicas quando o rei de Itália visitou as colónias italianas de A'frica, ultimamente.*

A Paramount *apresentou também uma revista sem interêsse especial.*

Apesar de já estarmos no fim da época não se justifica de maneira nenhuma esta pobresa de «actualidades». E era bom que os srs. exibidores fôssem pensando em transformar radicalmente os seus processos quanto às «actualidades», para que, na próxima época, possámos vê-las capazes.

Desenhos animados

Não gosto de madrugar, *canção de Irving Berlin posta em desenhos animados pelos Fleischer. A canção é bonita e a fantasia que presidíu à execução do filme foi suficientemente abundante para que o filme resultasse encantador.*

Fuga mal parada, *dos Fleischer também, com a orquestra de Cab Calloway. Esplêndidos desenhos animados, cheios de imaginação e de graça.*

Na primavera os passarinhos fazem ninhos, *ainda dos Fleischer. Uma linda canção interpretada á nova maneira dos Fleischer, isto é, por desenhos animados e por fotografia de coisas reais.*

Mickey nas Pampas *de Walt Disney — Este desenho é como que o primeiro estado daquêle outro, maravilhoso, exibido há pouco:* The Klondike Kid. *Disney aproveitou a mesma ideia, e desenvolveu-a. Vê-se até no* Mickey nas Pampas, *a cena dos tiros nas trêvas, em embrião. Nêste já há momentos felicíssimos, como a dansa do Mickey e a perseguição.*

Festa no Club *de Walt Disney — Um desenho animado fraco, para ser de Walt Disney, porque está apesar de tudo acima da media geral. As melhores cenas são talvez as de Mickey ao piano,*

Documentarios portuguêses

Mosteiro da Batalha *— da Lisboa Filme — Operadores Cesar de Sá e F. Quintela — Mais uma vez vimos o mosteiro da Batalha mas desta não foi mal mostrado. Alguns dos enquadramentos foram mesmo felizes. A fotografia deixando a desejar.*

Convento de Cristo *da Lisboa Filme — Operadores Cesar de Sá e F. Quintela — Mais outra vez tivemos de ver o célebre convento de Tomar, e, diga-se em abôno da verdade, não nos maçamos, porque os operadores souberam tratar o assunto com gôsto e consciencia. Mas não haverá em Portugal nada mais que mereça as honras dos «100 metros»?*

A chegada de Siegfried Arno*—da Ulyssea Filme — Vários aspectos da chegada a Lisboa do simpático actor alemão. Bôa fotografia e o assunto tratado com graça.*

Aspectos de Peniche *— da Lisboa Filme — Operadores César de Sá e F. Quintela — Os dois operadores trouxeram de Peniche um documentário «bonito», com alguns lindos planos, numa bôa fotogra-*

(Conclui na página 17)

Os cómicos VII

Harold Lloyd

(Continuação do número anterior)

Só incidentalmente o ameaçam perigos morais. E isso é raro. Pelo contrário, nos filmes de Chaplin, nos filmes de Keaton, nos filmes de Laurel & Hardy, o principal excitante do riso é o perigo moral. Charlot é tomado por gatuno, quando afinal foi outro que roubou. Pamplinas desacredita-se apresentando uma reportagem cinematográfica falhada. Laurel & Hardy pagam um jantar que oferecem a um polícia, com dinheiro que encontraram — e que pertencia ao polícia. Etc.

Harold, para fazer rir não precisa de ridicularizar-se. Faz rir pela maneira imprevista e elegante com que se desembaraça das situações difíceis em que se encontra.

Para as vencer, só raras vezes recorre ao acaso. Quási sempre é êle próprio que descobre a maneira de livrar-se delas, á fôrça de inteligência e de habilidade. Uma das particularidades de Harold Lloyd é a de não ser cobarde, como quasi todos os outros cómicos. Não teme ir ao encontro das situações. Só uma coisa lhe complica com os nervos: os fenómenos com aparência sobrenatural. Cadáveres, fantasmas, a escuridão, luzes que se deslocam misteriosamente, alçapões, teias de aranha, tudo isso lhe causa arrepios e lhe põe os cabelos em pé. Explora como nenhum outro o cómico do terror. As suas reações nervosas, movimentos reflexos inevitáveis, incontroláveis, são inconfundíveis. Na «Sogra Fantasma» e em «Harold Encravado» (que título para «Welcome Danger», santo Deus!) abundam os exemplos.

E' um êrro supôr que Harold Lloyd é apenas um fantasista, desprovido de qualquer fundo sentimental. «Levado da Breca» (que título para «The Kid Brother», santo Deus!) revelou-nos um Harold sensível, delicado, capaz de enternecer, de «tocar no fundo» das nossas almas. Mas sôbre tudo isso prevalece o optimismo, a serenidade (que não é indiferença, como a de Keaton, nem fatalismo, como a de (Charlot), o oportunismo de Harold Lloyd, príncipe do riso sem travo amargo, confortável, espontâneo, escancarado.

Por isso Harold Lloyd é, de entre todos os cómicos do cinema, o mais popular — incontestávelmente. Porque o cinema é, tal como o definimos uma arte burguesa — essencialmente.

E damo-nos por muito satisfeitos, pois conseguimos escrever um artigo ácêrca de Harold Lloyd, sem nos referirmos, uma vez sequer aos seus óculos de aros de tartaruga.

Escrevemos isto em 1931.

Hoje, ostensivamente, vamos falar nos óculos de Harold Lloyd.

Já dissemos que êles hoje não bastam para o distinguir do resto dos mortais. Advogados, médicos e engenheiros, funcionários públicos, milionários e os artistas, adoptaram muito a sério um modêlo que um cómico tinha criado para se dar um ar ingénuo e *alturi*.

E' um caso único de generalização duma moda extravagante.

E não lhe roubaram a generalidade: os óculos redondos, de aros grossos, chamaram-se sempre óculos *á Harold.*

Vimos Harold pela primeira vez no Cinema Condes, a que devemos também a nossa iniciação chaplinesca, num filme magnificamente agitado que se intitulava: *Ele e os polícias.*

Ele e os polícias é o prototipo do filme perseguição (de que Clarence Badger fez a obra prima: *Vencendo pela Brandura,* com Raymond Griffith).

Nêle víamos Harold provocar involuntáriamente a cólera dum polícia.

Mais tarde, noutro filme de Harold veríamos o mesmo efeito aprefeiçoado: a provocação era voluntária, pois só assim o nosso homem conseguia arrastar a fôrça pública de que necessitava para salvar a dona dos seus cuidados.

Assistia-se então a um fenómeno quási bíblico: a multilicação dos polícias. O guarda que, por culpa de Harold Lloyd, caía ao lago, chamava um segundo guarda em seu auxílio. Logo um terceiro... um quarto... E, no final do filme, era todo um regimento, com chefes de automóvel e tudo, correndo em passo ginástico atrás de Harold!

Harold conquistou-nos imediatamente pela agilidade e elegância dos seus movimentos e da sua inteligência. Acompanhamos com desvêlo a sua carreira. Não perdemos uma única das suas farsas: *Ele e a sonâmbula,* em que Mildred Davies, que seria sua mulher, substituiu pela primeira vez Jobyna Ralston, *Ele no teatro, Ele e ela, Ele no México,* etc. — até à *Caça á raposa,* que se estreou no Tivoli, e que foi a sua consagração.

(Continua no próximo número)



Harold Lloyd e Barbara Kent em «Wilcorne Danger» (Harold Encravado)

Chiado Terrasse
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
30 % NAS MATINÉES DE
3.ª FEIRA, 20 ou 6.ª FEIRA,
23 DE JUNHO

Central
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
4.ª FEIRA, 21 DE JUNHO

Palácio
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
5.ª FEIRA, 22 DE JUNHO

Central
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
6.ª FEIRA, 23 DE JUNHO

Condes
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
25 % NA MATINÉE DE
SÁBADO, 24 DE JUNHO

Olympia
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
SÁBADO, 24 DE JUNHO

São João
(PORTO)
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
COM O DESCONTO DE
50 % NA MATINÉE DE
SÁBADO, 24 DE JUNHO

Odéon
SENHA VÁLIDA PARA
2 ENTRADAS
DE PLATEIA OU DE BALCÃO EM TODAS AS MATINEES DA SEMANA DE 20 A 27 DE JUNHO *EXCEPTUANDO* A DE QUINTA-FEIRA, 22 E A DE DOMINGO, 25 E PAGANDO APENAS
2$50

Os salários das estrêlas de Hollywood

(Conclusão da página 7)

cebe 5.000 semanalmente. Clark Gable, na mesma ordem de idéas, teve os seus salários singularmente diminuídos, estando a ganhar apenas 500 a 750 dólares por semana de trabalho. No princípio com o seu salário e percentagem ganhava 2.500 dólares por semana.

Semelhantes ordenados, sem rima, nem razão não podem ser analisados. São assim mesmo.

E' verdadeiramente desagradável que haja apenas 1500 pessoas que ganhem em Hollywood mais de 150 dólares por semana. E' lamentável justamente porque se tem falado muito acêrca do dinheiro que em Hallywood se recebe. Esta é a verdade. Entretanto, recorrendo às investigações da Academia, constata-se que, além dos actores independentes que às vezes conseguem receber bastante dinheiro, há uma série de estrêlas e estrelinhas a quem não acontece o mesmo. Edmund Lowe ganha à roda de 5.000 dólares por semana com cinco semanas garantidas por película. Victor Mac Laglen ganha pouco mais ou menos o mesmo. Edward Everett Horton, com os seus papeis cómicos consegue ser pago por 5.000 dólares semanais obtendo, uma, duas ou três semanas de contrato obrigatório. E' um homem que tem os seus preços, dos quais não sai nunca.

A mais importante condição para que um contrato seja rendoso, reside no entusiasmo. do público.

E' o entusiasmo que eleva os artistas, aumentando o seu valor até fóra das normas rasoáveis. Os entusiasmos crescem rapidamente nos dias de prosperidade; decrescem com maior velocidade ainda, nos tempos de depressão. Uma estrêla cara está num maior perigo de perder a sua situação que um actor de segunda ordem.

Uma prova disto é o que se diz acêrca de John Gilbert e da M. G. M. e os rumores que correm de que Constance Bennet, Marlene Dietrich, Ann Hardings, Ronald Colman e George Arlisso. não renovam o contrato e se encontram à beira dos maus dias. O salário que Constance Bennett ganha hoje é 7.500 dólares por semana. Parece excessivo. Gilbert pedindo por cada filme 25000 exagerou também.

Mas nada destas considerações prevaleceria se o cinema estivesse florescente como quando do advento do cinema falado. Nessa ocasião nenhum preço parecia exagerado. Nada era caro quando o cinema estava em maré de rosas financeiras.

Nenhuns rugidos se ouviram emquanto as dificuldades financei as gerais se não repercutiram no cinema.

Os produtores contratam as estrêlas pagando-lhes somas fabulosas por várias razões. Algumas não se aperceberam das condições em que eram contratadas e daí os maiores desastres. Greta Garbo com 10.000 dólares por semana parecia ganhar um ordenado exorbitante. Na verdade Greta era nessa ocasião considerada em Hollywood como uma estrêla de prestígio. Semelhante facto é sempre levado em conta pela companhia contratante.

Há na América quatro estrêlas mais populares que Greta Garbo, e que são Marie Dressler, Janet Gaynor, Joan Crawford e Norma Shearer; mas Garbo tem muito mais interesse comercial. E' a maior atracção das bilheteiras de cinema das grandes cidades.

E é necessàrio não esquecer que é dos grandes centros que vem o «grande dinheiro». O mesmo se dá com Chevalier, que além de ter um grande público americano, tem tambem um enormíssimo público no estrangeiro.

Al Jolson era o «czar» dos filmes falados nos seus primeiros tempos. Enchia os teatros. Isto fazia com que ganhasse 500.000 dólares. Depois começou a perder o interesse e muitos dos seus fracassos foram devidos exclusivamente aos maus filmes que interpretou. Entretanto *Hale-ebujah, I'm a Bum* não compensaram apesar de ser um bom filme.

John Gilbert ganhava 250.000 dólares por película, mas os seus contractos haviam sido assinados antes do cinema falado surgir.

Norma Shearer e Joan Crawford que recebi m 2.000 ou 3.000 por semana, mais que Marie Dressler, perdem os seus carteis porque se manteem ha muito no mesmo género.

Quando os Warner contractara Ruth Chatterton e Wiliam Powell, desejavam estas estrêlas por razões comerciais. Tiveram uma larga competição com uma casa concorrente. Nenhum preço era suficientemente alto para pagar o prestígio que êles gosavam.

Will Rogers é uma estrêla de prestigio; ganha 135.000 dólares por película. Tem um contrato com a Fox que lhe dá 75 mil dólares por filme.

Os filmes estão neste momento num declínio financeiro evidente. Ninguém sabe o que sairá daqui.

Mas se os contratos para o futuro forem feitos por um periodo menor, os salários poderão diminuir. Os produtores podem agrupar-se e trabalhar de colaboração, estabelecendo o preço que mais lhes convenha. Agora já os produtores alcançaram uma plataforma de colaboração. O plano consiste em recrutar os artistas por intermédio da agencia, onde os seus serviços serão avaliados pelos productores, que lhe pagarão somas rasoaveis.

Poderá ser que eventualmente todas as estrêlas venham a trabalhar com percentagens. Muitas optam por êste sistema e consideram a percentagem avaliável e muito melhor.

(Conclusão da página 16)

fia. Mas estão a exibir-lhes o trabalho numa cópia de tal maneira vergonhosa, que isso só pode prejudicar o seu nome, pois o público não sabe que se a película está riscada é por defeito da cópia e não por insuficiência dos operadores.

Farsas

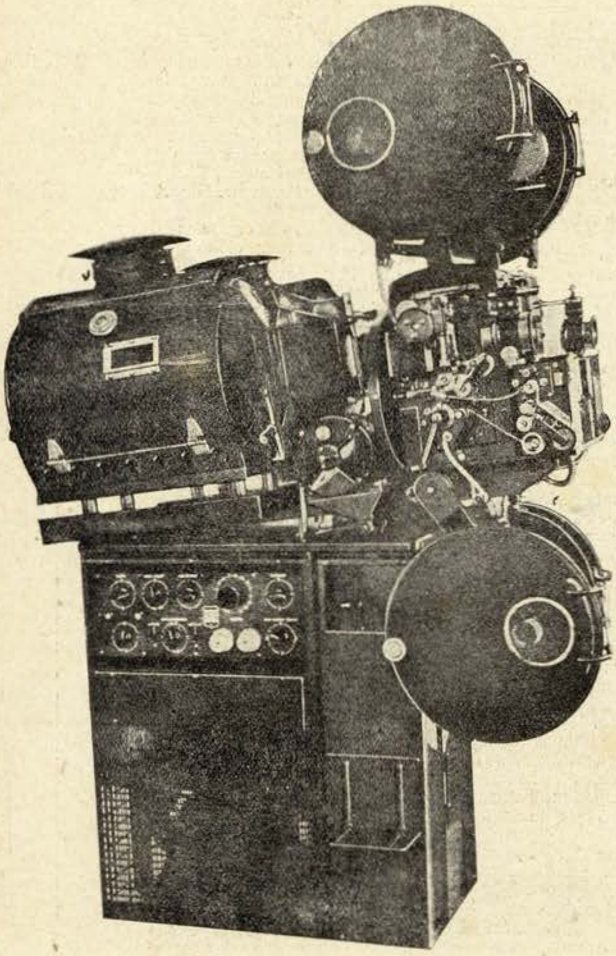
Slim na Alemanha — *de Slim Summerville e Eddie Gribbon — Excelente farsa esta, dos dois conhecidos cómicos. Três ou quatro* gags *de primeira ordem: os exercícios dos soldados comandados pelo fonografo, a granada perseguindo pelas ruas os transeuntes, o caudal de cerveja, etc.*

Manequins de carne e ôsso — Models and wives — *da Universal. Realização de Gharles Lamont, com Charles Murray e George Sidney — Esta farsa já deve ser antiga mas não deixa por isso de ter graça. Novamente os dais excelentes cómicos se vêem em palpos de aranha, porseguidos pelas respectivas esposas que não os deixam pôr pé em ramo verde.*

As cenas com os dois manequins de cêra e os dois de carne e ôsso, francamente engraçadas.

D. M.

ANIMATOGRAFO ANO I NÚMERO 12
Lisboa, 19 de Junho de 1933
PUBLICA-SE TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS
Director: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO — Secretário da Redacção: FÉLIX RIBEIRO — Editor: JOÃO PEREIRA E SOUSA
Redacção, Administração e Composição: Rua do Alecrim, 65 — Impressão: Rua da Luta, 1-A, 1-B e 1-C, em Lisboa — Gravuras de BERTRAND IRMÃOS
Propriedade da SOCIEDADE EDITORIAL ABC, Ltd. TELEF. 2 1276 Publicidade a cargo de HUMBERTO BORGES DE CASTRO
ASSINATURAS: (Continente e Ilhas) — Três mêses, 16$00 — Seis mêses, 31$00 — Um ano, 62$00. (Para os assinantes, cada número custa sómente 1$20)
ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA Preço 1$50





NILS ASTHER VOLTA A TRABALHAR NO CINEMA

Nils Asther, o simpático sueco que o casamento com Vivian Duncan — uma das famosas Duncan Sisters — afastou do cinema durante dois anos, voltou agora à actividade dos estúdios, depois de ter presenteado Vivian com um loiro bambino e dela se ter divorciado em seguida. Nils Asther, que tem trabalhado com algumas das grandes vedetas americanas, está presentemente interpretando para a Metro o filme «Strange Rahpsody», ao lado da morena insinuante que é Kay Francis.



NÓS TAMBÊM TEMOS SONHADO COM AS RAPARIGAS ASSIM. JEAN PARKER É TAL QUAL A IDEIA QUE FAZEMOS DO PARAÍSO. APETECE GUARDÁ-LA NUMA CAIXINHA DE VELUDO PARA NÃO SE ESTRAGAR. MAS ELA NÃO QUERE. PREFERE APANHAR SOL E TOMAR BANHOS DE MAR